



## Simpósio AT065

## LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) E LÍNGUA PORTUGUESA(LP): O QUE QUEREM, O QUE PODEM ESTAS LÍNGUAS?

Antonilde Santos ALMEIDA

UNEB – Departamento de Ciências Humanas/Campus III

[asalmeida@uneb.br](mailto:asalmeida@uneb.br) / [nildelp@yahoo.com.br](mailto:nildelp@yahoo.com.br)

Rafael Santos SOARES

UNEB – Departamento de Ciências Humanas/Campus III

[rafaelsantossoares349@gmail.com](mailto:rafaelsantossoares349@gmail.com)

### Resumo

Duas línguas diferentes, mas que têm muito em comum. Uma sinalizada e escrita, outra oralizada e escrita. Línguas que são oficiais no mesmo país, mas que exercem diferentes papéis sociais e culturais. Muitas são as implicações no ensino dessas duas línguas. Este texto traz discussões a respeito desses ensinamentos durante as aulas semipresenciais das turmas dos cursos de Pedagogia e Jornalismo, no Departamento de Ciências Humanas – DCH/Campus III, da UNEB. As vozes teóricas de Quadros (2001), Sá (2002), Strobel (2008), Gesser (2009) e de Mantoan (2006) sustentam esse estudo que apresenta as especificidades de cada língua mostrar suas potencialidades. Evidencia-se também tanto para o bacharel como para o professor, o quanto pode tornar enriquecedor o conhecimento sobre as línguas. As aulas acontecem no formato semipresencial, por meio de atividades realizadas em fóruns, chats, questionários, em mídias digitais. Durante as aulas houve a percepção de que os discentes reconhecem a importância da inclusão de Libras como componente curricular, porém não conseguem compreender como se dá a relação do aluno surdo com os conteúdos curriculares em salas de aulas comuns e em relação à comunicação em outras áreas que os surdos podem ocupar. Tem-se também a percepção de que os alunos ouvintes concebem as línguas em lados opostos, como se elas estivessem competindo e exigindo atenção. Os alunos ainda não conseguem perceber que o conhecimento sobre as duas línguas e suas especificidades podem ampliar a competência linguística e a capacidade discursiva nas diferentes instâncias sociais em que os sujeitos se inserem.

**Palavras-chave:** LIBRAS; LÍNGUA PORTUGUESA; EAD; CIDADANIA.

### Abstract

Duas línguas diferentes, mas que têm muito em comum. Uma sinalizada e escrita, outra oralizada e escrita. Línguas que são oficiais no mesmo país, mas que exercem diferentes papéis sociais e culturais. Muitas são as implicações no ensino dessas duas línguas. Este texto traz discussões a respeito desses ensinamentos durante as aulas semipresenciais das turmas dos cursos de Pedagogia e Jornalismo, no Departamento de Ciências Humanas – DCH/Campus III, da UNEB. As vozes teóricas de Quadros (2001), Sá (2002), Strobel (2008), Gesser (2009) e de Mantoan (2006) sustentam esse estudo que apresenta as especificidades de cada língua mostrar suas



potencialidades. Evidencia-se também tanto para o bacharel como para o professor, o quanto pode tornar enriquecedor o conhecimento sobre as línguas. As aulas acontecem no formato semipresencial, por meio de atividades realizadas em fóruns, chats, questionários, em mídias digitais. Durante as aulas houve a percepção de que os discentes reconhecem a importância da inclusão de Libras como componente curricular, porém não conseguem compreender como se dá a relação do aluno surdo com os conteúdos curriculares em salas de aulas comuns e em relação à comunicação em outras áreas que os surdos podem ocupar. Tem-se também a percepção de que os alunos ouvintes concebem as línguas em lados opostos, como se elas estivessem competindo e exigindo atenção. Os alunos ainda não conseguem perceber que o conhecimento sobre as duas línguas e suas especificidades podem ampliar a competência linguística e a capacidade discursiva nas diferentes instâncias sociais em que os sujeitos se inserem.

**Palavras-chave:** LIBRAS; LÍNGUA PORTUGUESA; EAD; CIDADANIA.

### Nota introdutória

Esta nossa produção se inicia com o texto “Lavra de Amor” de Carlos Melo Santos 2001 porque ele traduz muito do que se queremos escrever aqui. Especialmente quando o autor diz que poderia com “os olhos do outro escrever palavras: mar, amar, amor, aqui, ali, luar; conjugar verbos (dar, receber, semear)”.

Assim escolha da escrita deste nosso texto foi para pensar no entrelaçamento e na construção dos conhecimentos a respeito da Língua Brasileira de Sinais – Libras e da Língua Portuguesa -LP. O pensar nesse entrelaçamento começou a partir do momento que houve a solicitação do Colegiado de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas (DCH) – Campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para o acompanhamento das turmas matriculadas no componente curricular de Libras.

Ali se iniciava um novo caminho para a docente e para o aluno tutor /monitor e também intérprete de sinais. Naquele momento começava uma experiência singular na nossa vida acadêmica. Foi construído um percurso diferenciado na construção e uso da língua e dos diferentes recursos da linguagem nos processos interativos. Esses laços se ampliaram e se fortaleceram em 2018 com a chegada da turma de

Comunicação social/Jornalismo e com a inserção da disciplina Libras no curso bacharelado.

No momento da apresentação da disciplina às turmas, houve um estranhamento de uma língua que é tão própria, tão nossa e nós nem sequer conhecemos ou a usamos. O estranhamento se ampliou quando os licenciandos começaram a imaginar como produzir reportagens, escrever palavras, conjugar verbos, fazer a terra nascer em poemas, se perder no amor e se achar no tempo, usando simultaneamente as a Libras e a LP.

Os discentes tiveram dificuldades para compreender os laços que unem duas línguas diferentes, mas que têm muito em comum. Uma sinalizada e escrita, outra oralizada e escrita. Línguas que são oficiais no mesmo país, mas que exercem diferentes papéis sociais e culturais. Muitas são as implicações no ensino dessas duas línguas. Essas implicações foram percebidas durante o trabalho com Libras no DCH III. Esse trabalho foi realizado na modalidade Educação à Distância (EAD) no formato semipresencial no qual discentes têm alguns encontros com o docente em sala de aula e outras atividades *online* com cronograma definido por uma equipe da própria universidade.

Esse formato foi definido porque a UNEB não possui profissionais especialistas em Libras e com isso, veio a necessidade de outros professores, graduados em Língua Portuguesa, conhecer as especificidades da Libras e encontrar relações próximas entre as duas línguas. Daí surgiu o nosso interesse na participação de um simpósio que tratasse das perspectivas teóricas e metodológicas para o ensino de língua portuguesa escrita para surdos e passamos trabalhar conjuntamente no desenvolvimento da disciplina, fosse no planejamento, na execução nas atividades nos encontros presenciais ou nas orientações das tutorias *online*.

Quando pensamos no título para esta produção e colocamos a indagação: Língua Brasileira de Sinais (Libras) x Língua Portuguesa (LP): o que querem, o que podem estas línguas? , defendemos a tese que essas línguas querem e podem muito desde que existam possibilidades para que esses quereres e poderes possam ser exercidos pelos os usuários. No entanto, entendemos que para que o aprendizado de Libras seja consolidado, faz-se necessário que as Secretarias de Educação no Estado e dos Municípios compreendam a importância do uso de Libras por todos que fazem

o espaço educacional, do funcionário que ocupa do maior e ao menor cargo no espaço escolar e, que compreenda sobretudo a relevância da inserção de intérpretes nas escolas e nas universidades que se ocupam da formação docente.

Tal defesa parte da análise as lutas enfrentadas pela comunidade surda, no decorrer da história. A história evidencia quão grandes avanços desfrutou a comunidade surda atual, porém não se pode haver um contentamento e nem mesmo deixar perder direitos já conquistados! Hoje a comunidade surda, já não é só “surda”, pois já existem os defensores da língua de sinais, já existem aqueles que percebem que precisa haver a luta pelo reconhecimento e inclusão do sujeito surdo, além dos profissionais da área, tais como, tradutores e intérpretes da Língua de Sinais e instrutores. Nesse contexto podemos dizer que a luta já não é só do surdo.

### **A língua de sinais como primeira língua, a língua portuguesa como segunda: a nossa defesa**

Os olhos e as vozes teóricas deste texto estão baseados em Quadros (2001), Sá (2002), Strobel (2008), Gesser (2009) e Mantoan (2006) sustentaram o trabalho desenvolvido. Neste estudo, são apresentadas as especificidades de Libras e de Língua Portuguesa, além de mostrar as potencialidades de cada língua. Evidencia-se também a relevância do conhecimento em Libras para o bacharel do Jornalismo e para o licenciando em Pedagogia, destacando para esses futuros profissionais o quanto pode tornar enriquecedor o “domínio” sobre as duas línguas.

Nessa direção destacamos, junto aos discentes, a necessidade a construção do conhecimento histórico a respeito da luta pelos direitos das pessoas surdas. Destacando principalmente que hoje essa comunidade precisa conquistar ainda mais direitos, esclarecendo a história e entendendo os riscos de uma regressão, por exemplo o oralismo<sup>1</sup> no século XVIII. Esse marco se deve ser lembrado, para que jamais venha acontecer novamente.

---

<sup>1</sup> Essa proposta pretendia que os surdos fossem reabilitados, ou “normalizados”, pois, a surdez era considerada uma patologia, uma anormalidade. Eles deveriam comportar-se como se ouvissem, ou seja, deveriam aprender a falar.

Precisamos também entender de qual outra forma, tal conceito pode aparecer nos dias atuais, por meio de discursos referentes ao entendimento do que seja *surdo puro*, os surdos que usam apenas a Língua de Sinais, ou seja, é um oralismo inverso, pois sabemos que existem níveis diferentes de surdez, e que deficientes auditivos que conseguem adquirir, tanto o Português oralizado, quanto a Língua de Sinais, não devem ser impedidos de aprender.

Defendemos que o respeito a pessoa surda, deve partir dos seus próprios desejos, o direito a sinalizar, deve ser igualmente respeitado ao direito de oralizar, não sobrepujando um ou outro, mas respeitando de igual modo. Partindo desse princípio este texto expressa um pouco da experiência de uma docente em Libras e de um aluno, que também atua como intérprete com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Importante esclarecer que tanto para a para docente, quanto par o intérprete de sinais a vivência com a Libras era um momento novo no contexto universitário.

Para a docente era primeira experiência com o ensino de Libras. Para o intérprete, o momento também coincidia com contato inicial na escola básica (quinto ano do ensino fundamental) como professor de Ciências que ensinava, entre uma aula e outra, alguns sinais básicos. Não era uma escola bilingue, também não havia alunos surdos, mesmo na condição de professor, ensinava alguns sinais, mas foi somente no segundo ano do ensino médio, que se inscreveu no primeiro curso básico de Libras, desde então ficou fascinado por essa língua.

Compreendemos que o ensino da LIBRAS para ouvintes, é o princípio para inclusão da pessoa surda, imaginemos um Brasil bilingue, no qual a pessoa surda possa ir ao médico sozinho sem a presença de um interprete, que em muitas das vezes, e principalmente na área da saúde, se torna desagradável, na qual o surdo possa emitir um documento em qualquer órgão público ou privado, e seja atendido em sua língua, ou seja, o mundo ouvinte tem capacidade de adaptar-se aos sinais. Entendemos que há como fazer com que todos os alunos surdos “ouçam”, isso porque algumas escolas já adotaram a LIBRAS, como parte do currículo para crianças e oferecem benefícios diversos para ampliar as formas de aprendizagens dos alunos que convivem com a surdez.

Os estudos da área comprovam que os estímulos do bilinguismo proporcionam ao cérebro, bons resultados a longo prazo, refletindo socialmente naquele indivíduo

que está apto a lidar com as diferenças, além de ser um difusor da inclusão, tanto na infância, quanto na fase adulta. O sujeito que vivenciam o bilinguismo carrega uma bagagem cultural e proporcionando a inclusão, os reflexos e os ganhos de ensinar a crianças ouvintes, a língua de sinais são verdadeiramente grandes.

Os estudos também comprovam que de igual modo o ensino da língua de sinais às pessoas surdas, deve ser feito da mesma forma, independe da faixa etária, pois é na infância que o surdo precisa ser alfabetizado, assim como os ouvintes. Porém alguns teóricos defendem, tal ensino deve ser dado a partir dos seus pares, a criança surda desenvolverá a sua língua com outro surdo, seja um instrutor ou um professor.

Assim, a ideia que primeiro seja ensinado aos alunos surdos a libras e em seguida, seja realizado o ensino da língua Portuguesa. O ensino da língua Portuguesa só deve acontecer para o surdo, quando o aluno surdo já adquiriu a sua língua, isto é, a Libras. Só a partir desse aprendizado, deve haver o aprendizado da segunda língua, ou seja, a língua portuguesa (LP), que é o português escrito. Entendemos que só a partir desse momento o aluno surdo precisa estar em uma escola inclusiva. Sabemos da complexidade da socialização no contexto escolar para alunos com qualquer tipo de deficiência, complexidade que se acentua não é com os alunos surdos, tendo em vista que a sua forma de interação é diferente em comparação aos demais alunos, deficientes ou não.

### **O que nossos olhos viram na experiência como docente e intérprete de sinais**

A importância de o aluno surdo adquirir a língua de sinais na infância, faz toda diferença ao decorrer da trajetória do surdo, tanto na vida social, quanto acadêmica, é até possível dizer que a aquisição da Língua Portuguesa, será mais fácil de ser abstraída caso o aluno surdo já domine a sua língua materna.

Na experiência observada, é possível apontar um exemplo em que mostra a importância da alfabetização em LIBRAS do aluno surdo. O que foi visto foi um pouco mais sobre como era o trabalho com a LIBRAS e a socialização de uma aluna em questão, tanto com ouvintes quanto com outros surdos. Essas observações foram feitas em um estágio, por intermédio do Governo do Estado na cidade de Juazeiro da Bahia, através de um programa, no ano de 2018 em uma escola inclusiva, com



duração de apenas seis meses, período muito curto para intervenções sociopedagógicas, dentre outras colaborações necessárias.

A experiência como intérprete de sinais aconteceu com uma aluna do Ensino Fundamental I, na modalidade EJA, que tinha 28 anos e que não havia adquirido a língua de sinais, nem a língua portuguesa escrita, sendo aquele o primeiro contato com a escola. Isso resultou em um atrofiamiento no desenvolvimento linguístico, comunicativo, expressivo e compreensivo. A escola era inclusiva, com isso já se via uma dificuldade ainda maior para que fosse apresentada à LIBRAS. Além disso, os horários das aulas não tinham espaços para encaixar um momento específico para o ensino da língua de sinais.

As discussões trazidas pelo intérprete de sinais, eram aprofundadas com a nossa exposição teórica como docente de Libras. A experiência mostrou pelo tutor mostram que em escolas regulares, as disciplinas são ministradas em Português, porém para criar a “inclusão”, faz-se necessária a presença intérprete e o uso da Libras direcionado para o aluno surdo. Caso isso não aconteça, haverá apenas o que dizem os autores, a integração escolar e de forma parcial, para que os alunos surdos “acompanhem” os alunos ouvintes: “A integração escolar tem cunho adaptativo e continua desrespeitando as especificidades desses alunos”. (Damazzio e Alves, 2010, p. 40)

No acompanhamento dos licenciados na condição de tutor/monitor e como docente da disciplina, foi possível observar que os licenciandos tinham diversas indagações: de qual forma tal aluno poderá adquirir os conteúdos da matemática ou história, sem possuir nenhuma língua? Como os surdos aprendem? Os alunos surdos aprendem realmente?

Nos encontros presenciais, nas rodas de conversas com os alunos do curso de Pedagogia e de Jornalismo tentávamos passar as experiência vividas com aquela aluna surda no ensino fundamental I. Embora o tempo da experiência tenha sido curto, o te passado instituição, para acompanhar a alfabetização da aluna, na condição de interprete usava horários cedidos por alguns professores que entendiam que o aluno necessitava ser alfabetizado em língua de sinais, alguns outros

professores, quando necessitavam de explicar algum assunto, solicitavam a presença do intérprete, e pediam que traduzisse em sinais aquilo que o professor desejava passar, obviamente não havia comunicação, pois a aluna surda não conhecia os sinais. Diante desse contexto mostrávamos para os graduandos a necessidade do aprendizado em Libras desde a mais tenra idade.

Nas discussões online junto às turmas, também explicávamos que além do ensino da LIBRAS, o contato com outros alunos surdos, possibilita que eles se identifiquem com os seus pares e isso ajuda no desenvolvimento cognitivo e no reconhecimento da identidade como pessoas surda. No caso específico a aluna surda ficou claramente fascinada, quando viu o contato entre outras pessoas surdas. Mostramos que aquela aluna surda viu que era possível rir, contar piadas, conversar, namorar, conversar interagir em Libras. Isso ajudou bastante no desenvolvimento, na aquisição dos sinais, na socialização e na percepção de que existem pessoas como ela e que conseguem viver independentemente, algo que instigou a aprender e lutar pelo conhecimento, que lhe foi privado por muito tempo. Mostrávamos para as turmas como essa experiência foi significativa tanto para nós, como intérprete e docente quanto para aluna surda.

Nas discussões tanto nos encontros presenciais, quanto na tutoria online destacávamos o quanto a sala de aula ou o espaço escolar é um lugar de constituição de relações sociais entre alunos - alunos e professores para ampliar suas aprendizagens. Bem como o processo ensino-aprendizagem necessita de uma interação entre teoria/prática e de maior envolvimento entre professor x aluno, através de discussões, estudos dos aportes teóricos e da metodologia aplicada.

### **Considerações finais**

Essas experiências como intérprete de sinais e como tutor/monitor e como docente ensinaram-nos muito e também ampliaram a nossa percepção de que algumas pessoas ainda não conseguem perceber que o conhecimento sobre as duas línguas e suas especificidades podem ampliar a competência linguística e a capacidade discursiva nas diferentes instâncias sociais em que os sujeitos se inserem. Mostraram-nos também que a compreensão e o conhecimento sobre Libras





contribuem não só para a formação dos profissionais, mas também para todas as pessoas na constituição da cidadania, aspecto que é de suma importância. Mostraram-nos sobretudo que querem e que podem a Libras e a Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Lei federal nº. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 25 de abril de 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>> Acesso em: 28 set. 2010.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acesso em 28 set. 2010.
- DAMÁZIO, M. F. M.; ALVES, C. B. **Atendimento Educacional Especializado do aluno com surdez**. São Paulo: Moderna, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de Alunos Surdos**. Brasília, 2006. Não paginado. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/alunossurdos.txt>>. Acesso em: 10 out. 2008.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda et. al. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1997. V. III (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4)
- QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). Estudos Surdos I. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006. SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. v. 1. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SÁ, Nídia Regina Limeira. **Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EDUFF, 1999.
- SALLES, Heloisa Maria M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2004. 2 v.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. 118p.